

ISSN: 0102-1117
e-ISSN: 2526-0847

A PROFISSÃO DOCENTE SOB A ÓTICA DO PROFESSOR

*Lilian Cristine Ribeiro Nascimento**, *Alexandre A. Dias Barbieri***
*Diogo Cezar Silva****, *Thais Armando Lopes*****

RESUMO

Este artigo é resultado da atividade prática desenvolvida na disciplina obrigatória Psicologia e Educação dos cursos de licenciatura de uma universidade localizada no estado de São Paulo. Além da observação em sala de aula do ensino fundamental II e ensino médio, propôs-se a realização de uma entrevista com os professores observados nas escolas. As questões se referem aos motivos da escolha da profissão, às principais dificuldades na docência, aos recursos didáticos, às formas de avaliação utilizadas, bem como a outras considerações sobre a carreira docente. O número de sujeitos entrevistados foi de 33 professores, de escolas públicas e privadas. Os resultados da pesquisa apontaram que o motivo da escolha para a maioria dos entrevistados foi o desejo de ensinar. As dificuldades mais apontadas no cotidiano escolar foram indisciplina, desinteresse dos alunos e desvalorização da carreira. No entanto, a maioria dos entrevistados mantém o empenho na profissão e se considera bem-sucedida.

Palavras-chave: Professor. Docência. Indisciplina.

TEACHING PROFESSION IN THE TEACHER'S PERSPECTIVE

ABSTRACT

This article is the result of a practical activity developed in the class of "Psychology and Education", which is mandatory for undergraduate degrees at a university

* Professora doutora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Departamento de Psicologia Educacional. E-mail: lcrn05@yahoo.com.br

** Discente do curso de licenciatura em Química da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: alexandre.adb7@gmail.com

*** Discente do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: dgiogu@gmail.com

**** Discente do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: thais.armando@hotmail.com

located in the state of São Paulo (Brasil). In addition to the observation in the classroom of elementary school and secondary school, it was proposed to carry out an interview with the teachers who were observed in schools. The questions of the interview were about the reasons for the choice of their profession, the main difficulties in teaching, teaching resources and assessment methods they use, and other considerations on the teaching career. The number of interviewees was 33 teachers from public and private schools. The results showed that the reason for the choice of the profession for most teachers was the desire to teach. The difficulties most frequently mentioned by teachers, in day-by-day of school, were indiscipline, the lack of interest of students and devaluation of the career, although most of them maintain the commitment to the profession and consider that they were successful so far.

Keywords: Teacher. Teaching. Indiscipline.

EL TRABAJO DOCENTE DESDE LA PERSPECTIVA DEL PROFESOR

RESUMEN

Este artículo es el resultado de la actividad práctica desarrollada en la asignatura "Psicología y Educación", requerida por los cursos de licenciatura de una universidad que se ubica en São Paulo. Además de la observación de las clases en las aulas de Secundaria y Bachillerato, se propuso la realización de entrevistas con los profesores que fueron observados en las escuelas. Las preguntas eran sobre las razones por las cuales eligieron esa profesión, las principales dificultades para ejecutar las actividades docentes, empleo de los recursos didácticos y formas de evaluación que ellos utilizan. Asimismo, otras consideraciones sobre la carrera docente. El número de entrevistados fue de 33 docentes de escuelas públicas y privadas. Los resultados del estudio indicaron que el motivo de haber elegido esa profesión fue, para la mayoría de los encuestados, el deseo de enseñar. Las dificultades más mencionadas en la vida escolar eran indisciplina y falta de interés por parte de los estudiantes y la desvalorización del profesor. Sin embargo, la mayoría de los encuestados mantiene el compromiso con la profesión y se considera exitoso.

Palabras clave: Profesor. Enseñanza. Disciplina.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado da atividade prática desenvolvida na disciplina obrigatória Psicologia e Educação dos cursos de licenciatura em uma universidade localizada no estado de São Paulo, oferecida pelo Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação.

A formação de profissionais para a docência tem sido questionada por pesquisadores na área da educação. Estes estudiosos destacam o processo de sucateamento dessa área no ensino superior (DINIZ-PEREIRA, 2011 *apud* GATTI, 2013-

2014; GATTI; BARRETTO; ANDRÉ, 2011 *apud* GATTI, 2013-2014). Segundo Gatti (2013-2014), analisando o Censo da Educação Superior de 2009, percebe-se que a maior parte dos cursos de licenciatura é oferecida por instituições privadas e que o crescimento de matrículas nos cursos formadores de professores tem sido cada vez menor quando comparado ao de matrículas em outras graduações. Para a autora, esse fato se deve a pouca valorização da carreira docente no mercado de trabalho, o que afasta os jovens dessa escolha profissional. Sobre a qualidade dos cursos de licenciatura oferecidos, Gatti (2013-2014, p. 39) pondera o seguinte:

A formação para a prática da alfabetização e iniciação à matemática e às ciências naturais e humanas é precária, como também é precária a formação para o trabalho docente nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio. Há quase ausência nesses cursos de formação de conhecimentos sobre o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo de crianças, adolescentes e jovens, suas culturas e motivações.

Tendo a preocupação de promover aos futuros docentes o conhecimento sobre desenvolvimento cognitivo e socioafetivo, elementos considerados importantes na formação dos professores, a disciplina Psicologia e Educação é oferecida a todos os cursos de licenciatura na universidade onde esta pesquisa se desenvolveu. A disciplina é composta por 60 horas de aulas teóricas, nas quais são abordados temas referentes às interfaces da psicologia com a educação. Na ocasião dessa pesquisa, a disciplina apresentou três abordagens teóricas da psicologia: comportamental, histórico-cultural e psicanálise. Teve os seguintes autores como fonte conceitual: Skinner, Vygotsky e Freud. Além disso, o programa também inclui 30 horas práticas de observação em sala de aula. No primeiro semestre de 2013, essa disciplina foi oferecida pela primeira autora deste artigo; e as abordagens, discutidas com os alunos. Como atividade prática, além da observação em sala de aula do ensino fundamental II e ensino médio, propôs-se a realização de uma entrevista com 9 questões abertas com os professores observados nas escolas. O objetivo era promover uma discussão acerca de como os professores se veem em sua atividade docente e sobre suas relações com os alunos junto ao sistema educacional.

2 MÉTODO

Os professores foram convidados pelos alunos estagiários a responder uma entrevista com 9 questões de respostas abertas. Esclarecemos que todos os entrevistados assinaram termo de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas que não tinham esta autorização foram eliminadas e não compuseram esta pesquisa.

Após a coleta das entrevistas, organizou-se um grupo interessado em analisar os dados encontrados e descrevê-los de forma acadêmica. Os alunos passaram a organizar os dados, computar as respostas e discuti-las, buscando uma relação com a teoria estudada na disciplina.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nas entrevistas foram organizados e fundamentados teoricamente. O número total de sujeitos entrevistados foi de 33 professores, vin-

culados a escolas públicas e privadas, a escolas técnicas e de educação de jovens e adultos, conforme distribuição indicada na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição em relação ao tipo de escola

Instituição	N.º de professores	Porcentagem
Escola Pública Estadual	14	42%
Escola Pública Municipal	6	18%
Escola Particular	6	18%
Escola Técnica	1	3%
Educação de Jovens e Adultos	1	3%
Não Determinada	5	16%
Total	33	100%

Fonte: Elaborada pelos autores.

A seguir, apresentamos e discutimos as respostas dos professores na entrevista sugerida (9 perguntas de livre resposta). Esclarecemos que, em todas elas, houve mais de uma resposta por parte de alguns docentes, o que impossibilitou a realização de análise percentual, considerando como total (100%) o número de 33 professores. As análises, portanto, foram fundamentadas no número de respostas, e não no número de sujeitos.

Gráfico 1 – Motivos que influenciaram a escolha pela profissão docente (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (44 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

A resposta “gostar de ensinar” foi a que apareceu com maior frequência. Podemos concluir que a escolha, então, nestes casos, deu-se pelo desejo de ensinar outras pessoas, ou seja, contribuir para a formação de outros seres humanos, o que, de certa forma, complementa as respostas “contribuir com a formação humana” e “vocação”. As três asserções juntas totalizam 22 respostas e representam a metade das soluções apresentadas a essa questão. Barbosa-Lima, Castro e Araújo (2006) fazem uma reflexão sobre os vocábulos usados para designar a atividade pedagógica, tais como “ensinar, formar, educar e instruir”. Segundo os autores, o uso destas palavras foi mudando de acordo com as concepções filosóficas de cada

época, refletindo a filosofia escolar da sociedade vigente. Portanto, um estudo etimológico de seus significados originais pode ter algo a nos dizer sobre a relação professor-aluno-escola. Em nossa pesquisa, os entrevistados, em sua maioria, utilizaram o vocábulo “ensinar” para referir-se à sua própria atividade profissional. Sobre o termo “ensinar”, os autores afirmam que

Ensinar: Surge no século XI, na língua francesa (*enseigner*), e no século XIII, na língua portuguesa; do baixo latim *insignare*, alteração de *insignire*, que significa indicar, designar, e que pode chegar a ser compreendido como “marcar com um sinal”. Note que marcar pode transmitir uma ideia de imposição, mas pode, por outro lado, indicar o nascimento do caráter do estudante, uma vez que, em grego, sinal é *Karakte*. (BARBOSA-LIMA; CASTRO; ARAÚJO, 2006, p. 240, grifo do autor).

Formar o caráter dos alunos, dar rumos, criar condições para que eles se desenvolvam, e até “[...] contribuir para o fim da injustiça social” (fala de um dos entrevistados), foram apontados como motivadores da escolha desta carreira. Portanto, uma causa nobre é a mais relevante na fala destes professores – a “formação social” de crianças e jovens.

Quatro entrevistados referiram ser este um sonho de infância; quatro disseram ter sido influenciados por seus professores. Freud aponta o fato de que é a personalidade de “bons professores”, e não apenas seu conhecimento, que influencia os alunos. Ao ser solicitado que escrevesse um artigo em comemoração ao jubileu da sua antiga escola, Freud afirmou o quanto a figura dos professores participa da constituição subjetiva de seus alunos. No texto intitulado *Algumas reflexões sobre a psicologia escolar*, Freud (1970, p. 247) diz que

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que, antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres.

É comum que a escolha da carreira de professor seja motivada por figuras importantes na vida das crianças e adolescentes, que, ao sentirem uma empatia por estes adultos significativos, decidem pela mesma profissão. Para a psicanálise, os professores são, em geral, os primeiros adultos substitutivos dos pais. São, portanto, tão importantes que ocupam um lugar de destaque no imaginário de muitas pessoas, levando-as, em alguns casos, a escolher, por identificação, a mesma profissão.

Como vimos, nesta questão, os entrevistados apontaram o que motivou a escolha da carreira; porém, manter-se motivado é algo difícil. Na próxima questão, eles elencam quais as principais dificuldades em ser professor hoje.

Gráfico 2 – Principais dificuldades na atuação docente (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (69 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Observamos que os descontentamentos com a profissão e suas causas, majoritariamente, podem ser atribuídos ou aos alunos e seus familiares, ou ao sistema educacional – políticas públicas e órgãos governamentais.

Em relação aos alunos, a indisciplina, a falta de respeito, bem como o desinteresse e a falta de apoio das famílias são mencionados com frequência (juntos totalizam 32 respostas, ou seja, 46%). Portanto, há uma insatisfação com aqueles a quem se quer ensinar, uma vez que os conflitos em sala consomem grande parte da aula. É provável que a frustração esteja relacionada à impossibilidade de alcançarem, efetivamente, a meta que os motivou à escolha da carreira, ou seja, “contribuir com a formação humana”, como mencionado na primeira questão. Podemos refletir, então, sobre o que significa para estes professores contribuir com a “formação humana”? O processo de ensino-aprendizagem não seria o mesmo que ocorre na relação diária do professor com o aluno e dos estudantes entre si? Vygotsky (2007) afirma que o desenvolvimento cognitivo ocorre pela interação social entre cada indivíduo e os outros e também com os fatores da cultura. É pela interação que os sujeitos trocam experiências e ideias, gerando conhecimento. Portanto, os conflitos não são negativos para a aprendizagem, pelo contrário, por meio deles são gerados novos conhecimentos.

Além dos fatores já citados, os baixos salários, associados a outros mencionados pelos entrevistados, como “falta de reconhecimento”, “precarização do trabalho”, “carga horária extensiva” e “falta de segurança”, podem ser atribuídos ao próprio sistema educacional e às políticas públicas na área da educação, podendo ainda ser compreendidos como uma desvalorização do professor em nosso país. Este dado corrobora os de uma pesquisa realizada pela fundação internacional *Varkey Gems*, sediada em Londres, com 21 países, em 2013. Nesta pesquisa, o Brasil ficou na penúltima colocação em um índice de valorização dos professores, ficando apenas à frente de Israel. Foram realizadas 1.000 entrevistas em cada país questionando o *status* do professor, a recompensa pelo seu trabalho e a organização do sistema de ensino. Nesta investigação, também foi solicitado aos entre-

vistados que comparassem o *status* do professor ao de outras profissões. No Brasil, Estados Unidos, França e Turquia, as pessoas compararam a profissão de professor à de bibliotecários. Na China, primeiro país do *ranking*, os entrevistados compararam o *status* de um professor ao de um médico. Naquele país, 50% dos entrevistados disseram que incentivariam seus filhos a seguir carreira no magistério. Já no Brasil, cerca de 20% dos inquiridos afirmaram que encorajariam seus filhos a seguir a profissão (VARKEY GEMS FOUNDATION, 2013).

Estes fatores são apontados como dificuldades na profissão e afetam a motivação dos docentes, provocando um descrédito na profissão. Uma das consequências disso é que, no Brasil, o número de graduados nos cursos que formam professores, como Pedagogia, por exemplo, caiu pela metade em quatro anos, passando de 103.000 para 52.000, de 2005 a 2009, segundo o Censo do Ensino Superior, realizado anualmente pelo Ministério da Educação (SEIDENBERG, 2011). Outro estudo, de 2009, da Fundação Victor Civita, em parceria com a Fundação Carlos Chagas, ouviu 1.501 alunos em 18 escolas públicas e particulares de oito cidades sobre os cursos que intencionavam cursar na graduação. Apenas 2% dos jovens que cursam o 3.º ano do ensino médio pretendiam cursar Pedagogia ou alguma licenciatura. Entre os alunos de escolas públicas, o número de pretendentes a estes cursos é um pouco maior do que entre os estudantes das escolas particulares. Nas escolas públicas, a pedagogia aparece em 16.º lugar; as licenciaturas, em 24.º entre os cursos mais desejados. Já nas escolas particulares, a classificação destes cursos indica o 36.º e o 37.º lugares, respectivamente (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2013).

Um estudo de Gatti (2013-2014) apontou que a queda nas matrículas em alguns cursos de licenciatura é ainda maior. São aqueles cursos considerados “disciplinas difíceis”, como a autora explica:

As demais licenciaturas, que formam os chamados professores especialistas, mostram percentuais mais baixos de concluintes do que nos cursos de pedagogia. A oferta de cursos de licenciatura nessas áreas específicas é bem menor. Pode-se pensar que algumas são disciplinas consideradas “difíceis” ou que têm baixa atribuição de aulas, o que afeta a remuneração, e esses fatores determinam a baixa demanda para algumas licenciaturas.

Ou, ainda, considerando que a maior parte da oferta de cursos é feita pelas instituições privadas, estas não oferecem aquelas licenciaturas que não propiciam cobertura dos custos ou lucratividade. Encontram-se nesse caso licenciaturas como física, química, biologia, geografia, sociologia, filosofia. (GATTI, 2013-2014, p. 38).

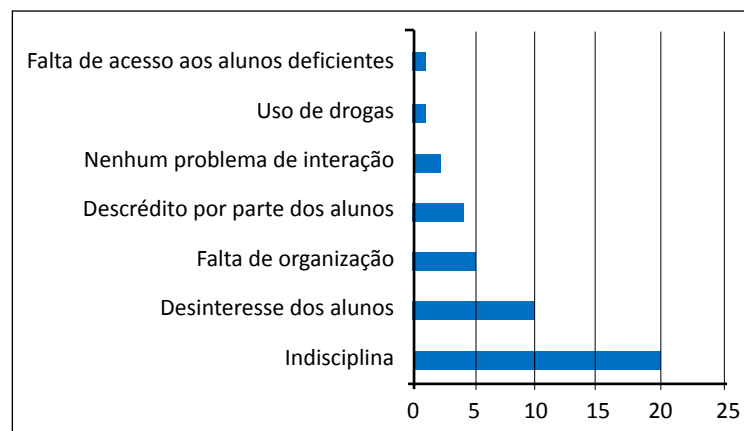
O medo e a incerteza da inserção no mercado de trabalho, aliados a pouca valorização do profissional docente no Brasil, têm afastado os jovens da escolha dessa carreira. Respondendo, em entrevista à TV Escola, sobre o que é ser professor hoje, Antonio Nóvoa (2001, p. 1) afirmou que

É difícil dizer se ser professor, na atualidade, é mais complexo do que foi no passado, porque a profissão docente sempre foi de grande complexidade. Hoje, os professores têm que lidar não só com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social, o que não existia no passado. Isto é, quando todos

os alunos vão para a escola, de todos os grupos sociais, dos mais pobres aos mais ricos, de todas as raças e todas as etnias, quando toda essa gente está dentro da escola e quando se consegue cumprir, de algum modo, esse desígnio histórico da escola para todos, ao mesmo tempo, também, a escola atinge uma enorme complexidade que não existia no passado. Hoje em dia é, certamente, mais complexo e mais difícil ser professor do que era há 50 anos, do que era há 60 anos ou há 70 anos. Esta complexidade acentua-se, ainda, pelo fato de a própria sociedade ter, por vezes, dificuldade em saber para que ela quer a escola.

Na questão seguinte, a indisciplina aparece como um problema enfrentado pelos professores.

Gráfico 3 – Problemas enfrentados pelos professores ao interagir com os alunos (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (43 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

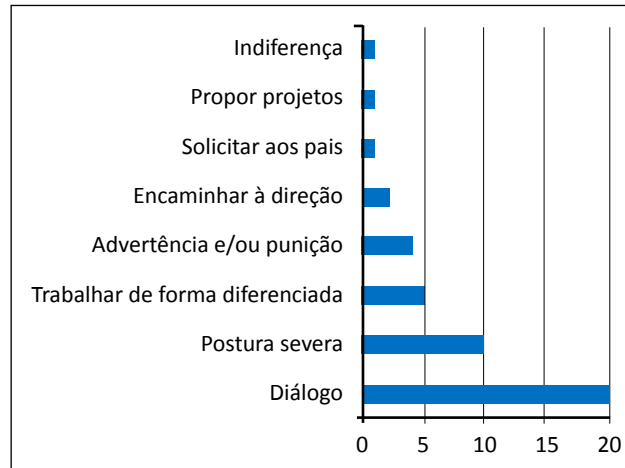
Esta resposta reitera o que já discutimos anteriormente, quando os professores apontaram, como grande dificuldade da profissão, a indisciplina, o desinteresse e o descrédito por parte dos alunos, como destacado no Gráfico 2. Apenas 2 professores responderam não ter problemas de interação com os alunos, num total de 43 respostas. Nessa questão, o número de respostas excede o número de entrevistados, visto que alguns dos inquiridos deram mais de uma resposta.

Uma pesquisa de Tognetta *et al.* (2010) apresentou dados semelhantes. Quando questionados sobre quais as maiores dificuldades presentes no cotidiano escolar, 48,31% dos professores apontaram a indisciplina, a agressividade e a violência como fatores mais relevantes. Outros problemas identificados foram estes: a dificuldade na relação entre família e escola (12,71%), a falta de interesse (12,71%), as dificuldades associadas à metodologia e/ou à preocupação do professor em se fazer entender (16,10%). Apenas 10,17% dos professores referiram não encontrar dificuldades no cotidiano escolar.

Outra pesquisa realizada por Fante (2005) concluiu que 47% dos professores entrevistados dedicam 21% a 40% de sua jornada de trabalho a intervenções para o controle da disciplina e conflitos em sala de aula.

Portanto, se a indisciplina é o grande problema indicado pelos professores, faz-se necessário compreender como os docentes lidam com isto, o que pode ser visualizado na próxima questão.

Gráfico 4 – Estratégias utilizadas para lidar com a indisciplina em sala de aula (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (45 respostas)



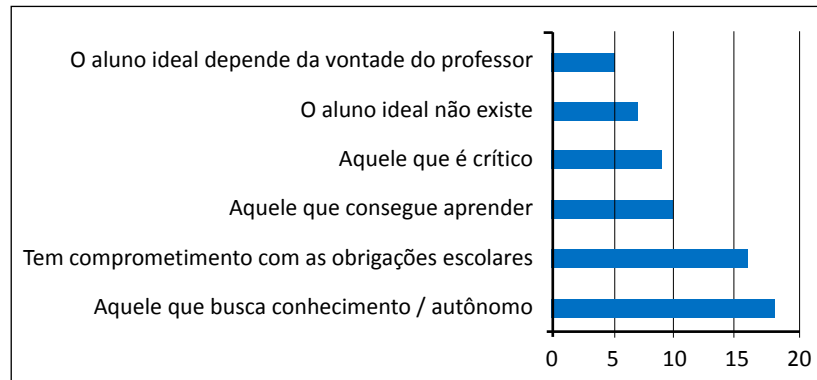
Fonte: Elaborado pelos autores.

Quando questionados sobre as estratégias que utilizavam para lidar com a indisciplina, alguns professores responderam apresentando mais de uma alternativa. Como se observa no Gráfico 4, foi expressivo o número de participantes que respondeu usar o diálogo como estratégia para lidar com este problema na sala de aula (35% das respostas). Esta parece ser uma forma inteligente de lidar com a indisciplina, uma vez que os alunos são pré-adolescentes e adolescentes. É possível estabelecer com eles uma conversa sobre regras, conflitos em sala de aula, respeito, ética e autonomia. No entanto, não é possível verificar como este diálogo ocorre na prática, se os professores se dispõem a ouvir os alunos, se organizam assembleias para discutir os problemas, se incentivam os alunos a definir coletivamente as regras e a propor soluções para os conflitos. O que chamam de diálogo pode ser, na verdade, um simples sermão ou censura por parte do professor, sem real participação dos alunos. De fato, não é possível elucidar o que denominaram “diálogo”. Outras formas escolhidas por alguns professores denotam uma isenção de responsabilidade sobre a disciplina na sala de aula, já que terceirizam a incumbência de resolver a questão à direção ou aos pais. Este tipo de estratégia apareceu em 28% das respostas. Propor projetos e trabalhar de forma diferenciada constituíram estratégias apresentadas em somente 15% das respostas. Ao utilizar estas estratégias, o professor toma para si a responsabilidade de modificar o ambiente escolar, a fim de diminuir a indisciplina, em vez de esperar uma mudança só do aluno ou uma tomada de decisão por parte da direção ou da família. Atitudes mais severas, como punição ou advertência, foram referidas em 11% das respostas.

Em uma pesquisa realizada por Malta Campos (2008), os professores foram questionados sobre o que poderia ser feito para melhorar o problema da violência e dos conflitos na escola. Como resposta, 83% defenderam medidas mais duras em relação ao comportamento dos alunos; 67,4% disseram que deveria haver a expulsão de alunos; 47% propuseram a contratação de mais funcionários, como inspetores e psicólogos; 52% defenderam o policiamento intensivo e permanente; 55% sugeriram a implantação de projetos de conscientização e valorização da escola, envolvendo pais, alunos e comunidade em geral.

De fato, a indisciplina é um dos maiores entraves para os professores. Pouco se faz dentro da escola como medida preventiva. Há, por parte dos professores, a idealização de um aluno que não crie conflitos e seja comprometido com aquilo que a escola deseja ensinar, como podemos verificar no item a seguir.

Gráfico 5 – Definição dos professores sobre o aluno ideal (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (65 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

As respostas à questão sobre o tipo de aluno considerado ideal novamente reforçam a concepção de que para continuar se sentindo motivados na profissão, como na época da escolha, os professores necessitam de que o “desejo” de formar cidadãos, ensinar jovens ou contribuir para uma sociedade mais justa tenha, em contrapartida, alunos que queiram aprender. Um aluno comprometido, crítico, autônomo e que busca conhecimento é o que idealiza a maioria dos professores (18 responderam com esta afirmação, ou seja, 27% das respostas).

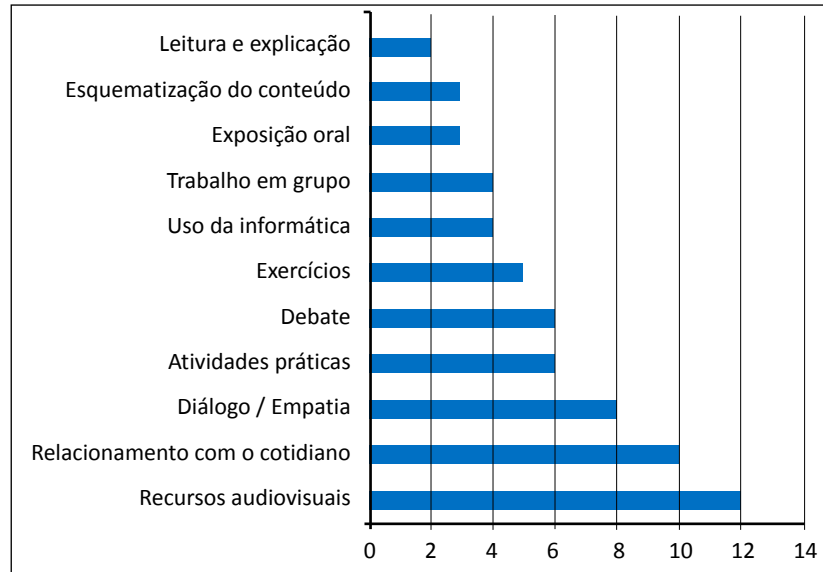
Como a indisciplina e o desinteresse são considerados pelos professores os principais entraves no processo educativo, o aluno ideal, obviamente, é aquele que consegue aprender (15% das respostas) e que tem compromisso com as obrigações escolares (25% das respostas). Logo, os fatores elencados nas respostas nos levam a sugerir que a idealização do aluno está ligada às suas próprias particularidades, dependendo das escolhas que faz. Simultaneamente, no entanto, essas decisões devem estar de acordo com os desejos do professor.

Sabendo que os professores entrevistados lecionam para o nível de ensino fundamental II e ensino médio, âmbitos em que se encontram alunos de idade entre 11 e 17 anos, aproximadamente, podemos inferir que os conflitos apontados pelos entrevistados são movimentos de resistência comuns a este grupo etário.

O adolescente pode criar, assim, uma rede de resistência que o torne seguro, resguardando sua relação consigo mesmo e sua possibilidade de controlar os próprios limites. [...] Ao sentir a perda dessa rede de resistência, o adolescente pode buscar novas maneiras de fugir de proibições e interdições, fazendo surgir tensões e acirramento dos conflitos sociais. (GUIMARÃES, 2007, p. 153-154).

Para a maioria destes professores, lidar com estas situações de conflito tem sido uma dificuldade no cotidiano da escola.

Gráfico 6 – Estratégias utilizadas no ensino (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (63 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Esta foi a questão que teve o maior número de respostas, uma vez que nenhum professor utiliza apenas um tipo de estratégia de ensino. O desenvolvimento da tecnologia e a facilidade de acesso favorecem, cada vez mais, o uso de recursos audiovisuais e da informática como estratégia pedagógica (somadas, estas duas respostas representam 25% do total). Por fazerem parte do dia a dia da criança e do adolescente, os recursos audiovisuais, como os vídeos, os filmes, as redes sociais, a internet, os jogos eletrônicos, a televisão e a música, são de grande interesse dos alunos, e, sabiamente, os professores têm se apropriado destes para ensinar, usando-os como fonte de conhecimento e elemento de motivação. O barateamento da internet nos últimos anos no Brasil permite que a maioria das escolas, inclusive as públicas, tenha acesso a estas fontes de informação. Computador, televisão, DVD e projetor multimídia são também recursos disponíveis na maioria das escolas onde nossa pesquisa foi realizada, o que viabiliza o seu uso no cotidiano escolar.

Estratégias tradicionais de ensino, como “leitura e explicação”, “esquematisação do conteúdo”, “exposição oral” e “exercícios”, foram citadas pelos professores em um menor número de respostas (juntas, totalizam 13 respostas, ou seja, 20% do total).

Entretanto, o grupo de respostas mais frequentes a esta questão envolve a interação verbal e social entre os componentes do cenário da sala de aula. Neste grupo de respostas, inserimos o “diálogo/empatia”, o “trabalho em grupo”, o “debate” e o esforço do professor em “relacionar o conteúdo com o cotidiano dos alunos”. Este grupo de respostas representa 45% do total.

Segundo Vygotsky (2007), a interação entre os indivíduos desempenha um papel fundamental na construção do ser humano. É por meio da relação interpessoal entre os homens que o indivíduo interioriza as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico.

Quando o professor busca estabelecer o diálogo com os alunos e entre estes, como nos trabalhos em grupo, favorece a relação interpessoal e, desta forma, a

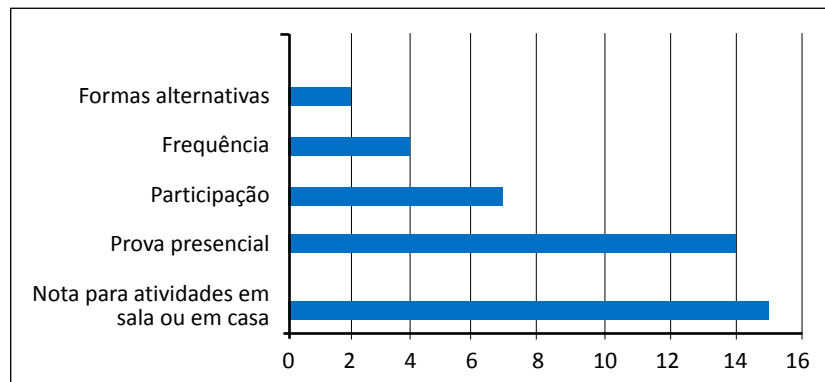
aprendizagem, uma vez que a interação com os adultos ou parceiros mais capazes propicia o desenvolvimento cognitivo. Vygotsky (2007) desenvolveu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) para explicar o funcionamento cognitivo. Para o autor, Zona de Desenvolvimento Proximal

É a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

É neste espaço que deve atuar o educador, como mediador entre o aluno e o conhecimento. Ao utilizar o trabalho em grupo, estimula-se que um aluno mais experiente interfira na ZDP do outro. Da mesma forma, ao aproximar o conteúdo escolar à realidade dos alunos, permite-se um maior vínculo com os conceitos científicos, pois estes adquirem um sentido, uma significação, como assim refere Gallo (2012, p. 6):

Sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação com o outro. Entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções.

Gráfico 7 – Formas de avaliação utilizadas (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (42 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

As formas mais comuns de avaliação apontadas foram as provas e as notas para atividades. Em geral, nenhum professor utiliza apenas uma forma de avaliação, mas mescla duas ou três formas na composição da nota final.

Atualmente, a aprendizagem escolar se apresenta condicionada a uma preparação para o vestibular, em vez de voltar-se à formação cultural e cidadã. Esta realidade não é apenas defendida pela escola, mas faz parte da ideologia da sociedade como um todo, conforme afirmam Sordi e Ludki (2009, p. 314): “Avaliar os estudantes e o quanto aprenderam é atividade inerente ao trabalho docente constituindo parte da cultura escolar já incorporada pelos alunos e famílias”.

A escola utiliza, em geral, a avaliação como ferramenta de medição do desempenho dos alunos, sendo esta, muitas vezes, um instrumento de punição.

Pouco é aproveitado da avaliação para se repensar o ensino, atribuindo quase sempre aos alunos o fracasso na aprendizagem.

[...] Nunca ou muito raramente se centrou na verificação/fundamentação da qualidade da ação de ensino em si mesma, da adequação do agir dos docentes face aos seus alunos, nem no conhecimento profissional por eles manifestado ou invocado como base dos resultados da sua ação. (ROLDÃO, 2005 *apud* SORDI; LUDKI, 2009, p. 317).

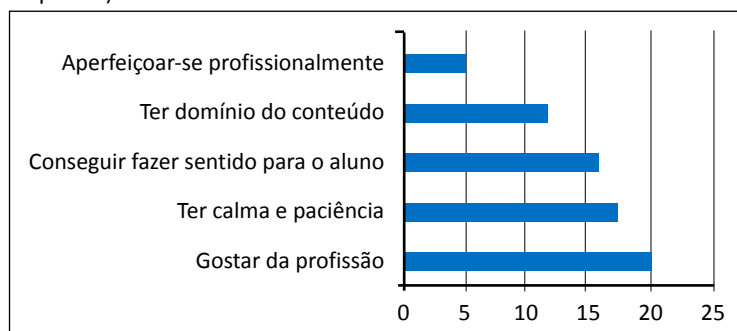
Os sistemas de avaliação diagnóstica propostos pelo Ministério da Educação (Prova Brasil, SAEB, ENEM) servem para comparar as escolas, mas não repercutem numa melhoria da realidade escolar. Em geral, servem para fins comerciais, uma vez que boa classificação no *ranking* de uma prova como o ENEM, por exemplo, serve como *marketing* para as escolas privadas. Sobre este tema, Sordi e Ludki (2009, p. 318) assim afirmam:

Decorrentes destas políticas neoliberais são gerados inúmeros relatórios e estatísticas que informam sobre a eficácia das escolas. Um conjunto de medidas (quase sempre ligadas ao desempenho dos alunos) é produzido com a pretensão de informar, de modo comparativo e classificatório, como se distribuem as escolas no cenário educacional e, a partir destes dados, o processo de definição de políticas públicas acontece e informa à sociedade e ao mercado, concentrando ilhas de excelência educacional.

É preciso refletir muito ainda sobre a avaliação, de forma que esta possa se constituir não só em um elemento de medição dos alunos, mas em um componente transformador do ensino e da realidade da escola. A avaliação poderia ser um aspecto fundamental para discussão dos processos educacionais e replanejamento das estratégias de ensino. Esta é uma meta difícil; porém, não impossível.

Na questão seguinte, os professores falam sobre os atributos fundamentais para esta profissão.

Gráfico 8 – Definição dos atributos considerados importantes para ser professor (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (70 respostas)



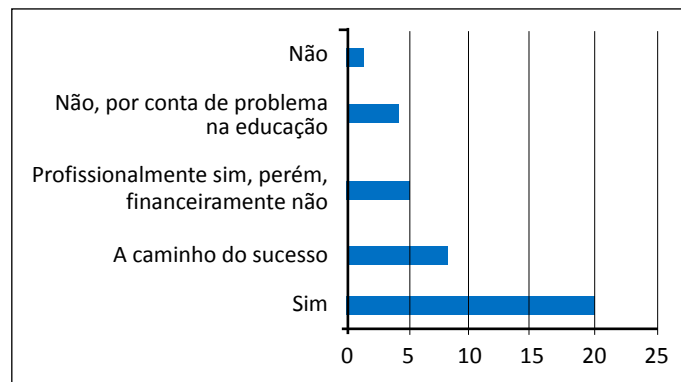
Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa questão ocorreram 70 respostas, uma vez que todos os entrevistados deram mais de uma resposta. Cinco diferentes respostas foram dadas a esta

questão, indicando o imaginário acerca do que é um “bom professor”. Este é tido como um ser sublime, que “possui paciência, calma” e “gosta da profissão” (37 respostas = 52% do total). Assim, vemos, mais uma vez, a vocação e a vontade como fundamentais. De maneira indireta, este discurso pode se refletir na ausência de políticas de desenvolvimento profissional e melhoria salarial dos docentes, uma vez que se trata de “um dom”. Por outro lado, aspectos técnicos também foram apresentados como resposta a esta questão, tais como: “ter domínio do conteúdo” (12 respostas); “conseguir fazer o conteúdo ter sentido para o aluno” (16 respostas), “aperfeiçoar-se profissionalmente” (5 respostas). Estas três respostas totalizam 33, ou seja, 47% do total.

Compõe, portanto, a imagem de um bom profissional um misto de aspectos técnicos com aspectos pessoais (de personalidade), o que, de fato, pode ser visualizado em qualquer profissão, ou seja, aspectos técnicos associados a aspectos afetivos (afinidade com a atividade profissional) são elementos que favorecem o sucesso em qualquer carreira.

Gráfico 9 – Considerações sobre o sucesso como professor (professores de escolas públicas e privadas, 2013) (38 respostas)



Fonte: Elaborado pelos autores.

É preciso ressaltar que, em grande parte das respostas, houve um apelo para a relativização desse tema, com afirmações de que é difícil se avaliar ou mesmo de que o sucesso é uma coisa que não existe.

Alguns professores disseram que não se trata de uma questão de sucesso, mas sim de ouvir o que a sala tem como demanda, trocar experiências com os alunos. A insatisfação com o salário apareceu novamente em 5 dos entrevistados.

Em meio a insatisfações e contentamentos, verifica-se que mais da metade dos professores (52%) se considera bem-sucedida. Esta percepção de sucesso se deve, provavelmente, ao fato de que, mesmo com os problemas relatados de indisciplina, falta de reconhecimento e baixos salários, os docentes conseguem, com uma parcela dos alunos, aquilo que almejavam ao escolher a profissão: “contribuir com a formação humana”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma visão geral das respostas dadas, pode-se dizer que o perfil dos professores entrevistados, em sua maioria, é o de um indivíduo que se consi-

dera um profissional bem-sucedido e que, por isso, apesar das dificuldades, mantém-se na profissão. A maioria dos entrevistados leva em consideração o papel fundamental desta profissão no cenário educacional. O professor é o ponto central de qualquer programa de transformação do ensino em nosso país, visto que é o responsável por perceber as nuances e as individualidades de cada aluno. De tal forma, o professor é aquele que pode possibilitar um equilíbrio entre as atividades rotineiras e, ainda, proporcionar atividades não rotineiras aos alunos, extrapolando os muros da escola e instigando novos olhares dos estudantes perante o mundo que os cerca.

Refletindo sobre as frustrações com que os professores se deparam no decorrer dos anos dentro da escola, Nóvoa (1992, p. 29) defende que

Os professores têm de reencontrar novos valores, que não reneguem as reminiscências mais positivas (e utópicas) do idealismo escolar, mas que permitam atribuir um sentido à ação presente. Por outro lado, precisam de edificar normas de funcionamento e regulamentações profissionais que substituam os enquadramentos administrativos do Estado.

Na atual situação de desvalorização da profissão docente, tanto financeira como de reconhecimento social, os professores, de fato, precisam encontrar novos sentidos para a profissão, fator que passa não só pela formalização da troca de saberes como também pelo papel de instigar e provocar novos conteúdos nos alunos. Através das análises das entrevistas, percebemos que o aprendizado, enquanto encontro com o problema, é o que gera o movimento. Seja em questões de indisciplina em sala de aula, seja na busca por novas formas avaliativas ou de qualquer tipo de dificuldade, muitos professores têm como característica principal a busca pela diferenciação de seu ensino, dia a dia. Aqueles que conseguem encontrar formas de driblar as dificuldades mantêm a motivação do início da carreira, ou parte dela, e, assim, conservam firme a proposta de ajudar na construção não só profissional, mas cidadã dos alunos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA-LIMA, M. C.; CASTRO, G. F.; ARAUJO, R. M. X. Ensinar, formar, educar e instruir: a linguagem da crise escolar. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 12, n. 2, p. 235-245, ago. 2006.
- FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.
- FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. In: FREUD, S. *Tótem e tabu e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1970. p. 285-288. v. 13.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *A atratividade da carreira docente no Brasil*. São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/atrativ-carreira-ap-final.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2013.
- GALLO, S. D. As múltiplas dimensões do aprender. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO, 1., 2012, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2012. p.1-10. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/>>

arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf>. Acesso em: 18 out. 2013.

GATTI, B. A. A formação inicial de professores para a educação básica: as licenciaturas. *Revista USP*, São Paulo, n. 100. p. 33-46, dez./jan./fev. 2013-2014.

GUIMARÃES, A. M. Jovens, os tutores da desordem e da violência? In: CAMARGO, A. M. F.; MARIGUELA, M. *Cotidiano escolar: emergência e invenção*. Piracicaba: Jacintha Editores. 2007. p. 151-162.

MALTA CAMPOS, M. *A qualidade da educação sob o olhar dos professores*. São Paulo: Organização dos Estados Ibero-Americanos; Fundação SM, 2008.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1992. p. 13-34.

NÓVOA, A. Matrizes curriculares. *Salto para o futuro*. Brasília, DF, 2001.

Entrevista concedida a TV Brasil. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59>. Acesso em: 26 jan. 2015.

SEIDENBERG, Márcio. Administrando conflitos na escola. *Gestão educacional*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 22-26, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.humus.com.br/revistas/2011g.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

SORDI, M. R. L.; LUDKI, M. Da avaliação da aprendizagem à avaliação institucional: aprendizagens necessárias. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, v. 14, n. 2, p. 253-266, jul. 2009.

TOGNETTA, L. R. P.; DOMICIANO, C. A.; GRANA, K. M.; ROSSI, R.; SAMPAIO, V. C. S. *Um panorama geral da violência na escola e o que se faz para combatê-la*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

VARKEY GEMS FOUNDATION. *Global teacher status index. 2013*. Disponível em: <<https://www.varkeygemsfoundation.org/404?destination=sites/default/documents/2013GlobalTeacherStatusIndex.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2013.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.